

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Alta dos juros e da inflação retêm ingresso de investidores

Juros e inflação 'seguram' avanço de investidores

Ante à inflação em marcha crescente e a escalada dos juros, o contingente de brasileiros que investem em produtos financeiros ficou estável em 59 milhões (37% da população), no ano passado, no comparativo anual. É o que aponta a 8ª edição do estudo Raio X do Investidor Brasileiro, elaborado pela Anbima.

Mas a novidade é a perspectiva de entrada,

pela 1ª vez, de 18 milhões novos investidores, de um universo de 101 milhões indivíduos que admitem não dispor, ainda, de produtos financeiros. Outros 14 milhões planejam deixar as aplicações para trás, neste ano. Assim, o país passará a contar com mais quatro milhões de investidores em 2025, elevando a faixa de participantes em relação à população de 37% para 39%.

Retorno

Entre as maiores motivações para investir, o estudo aponta o retorno do produto financeiro como o principal, para a maioria dos consultados (33%), seguido da segurança (23%), facilidade de aplicar dinheiro (14%), imagem da marca (11%) e reserva financeira (9%).

Reserva

Já na escolha da aplicação financeira, o maior avanço de preferência (de 6% para 9%) ficou para o quesito 'realização de uma reserva'. Já a indicação de amigos, não pagamento de juros e impostos e a consultoria financeira foram escolhidos por 2% dos entrevistados.



Quem resolveu pendências, poderá fazer jus à restituição

'Salvos' da malha fina poderão ter direito à restituição do IR

O segmento de 120 mil contribuintes que caíram na 'malha fina', mas depois regularizaram suas pendências com o 'Leão' puderam saber se têm direito à restituição, em consulta liberada pela Receita Federal, a partir das 10h dessa segunda-feira (24), referente ao lote de 'malha fina' de fevereiro, que também contempla

restituições residuais de anos anteriores. A previsão é de que 120.039 contribuintes vão receber R\$ 253,88 milhões. Desse total, R\$ 168,86 milhões irão para contribuintes com prioridade no reembolso. A maioria do contingente (75.790 contribuintes) optou pela chave Pix do CPF na declaração ou à pré-preenchida.

Pagamento

O pagamento da restituição será em 31 de março, na conta ou na chave Pix do tipo CPF informada na declaração do IR. Caso não esteja na lista, o contribuinte deve acessar o e-CAC e tirar o extrato da declaração. Se pendente, este deve enviar a declaração retificadora.

Resgate

Caso a restituição não tenha sido depositada na conta informada na declaração, os valores ficarão disponíveis para resgate por até um ano no Banco do Brasil. Tal crédito poderá ser agendado em qualquer conta bancária em seu nome, pelo Portal BB.

IPC-S

O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) desacelerou a 0,72% na 3ª quadrissemana de março, com alta de 0,95% na 2ª quadrissemana, informou nesta segunda-feira (24), a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com o resultado, o índice acumula alta de 4,67% em 12 meses.

Desaceleração

Sete das oito classes de despesas recuaram, ante à quadrissemana anterior: Habitação (2,28% para 1,54%), Transportes (0,81% para 0,65%), Alimentação (1,49% para 1,39%), Despesas Diversas (0,56% para 0,22%), Comunicação (0,59% para 0,37%) e Vestuário (0,24% para 0,09%).

Focus: IPCA para 2025 recua novamente, mas 'desacelera'

Pressionado pela altíssima Selic, índice cai 'apenas' de 5,66% para 5,65%

Por Marcello Sigwalt

Refletindo uma boa dose de 'cautela', tanto quanto de 'incerteza' quanto ao futuro imediato e no médio prazo da economia, o mercado financeiro adotou uma postura 'minimalista' em suas previsões em relação à inflação tupiniquim: ela cai, mas pouco. Após recuar de 5,68% para 5,66%, na semana passada, a projeção do boletim Focus para o IPCA deste ano, este desacelerou a queda, agora no patamar de 5,65%, que está 1,1 ponto percentual acima do teto da meta de inflação, que deverá ser 'estourada' pelo quarto ano seguido.

Já no que toca ao chamado 'horizonte relevante', 2026, a banca foi menos generosa, pois a carestia, pois o indicador foi 'inflado' de 4,48% para 4,50%, um viés de expansão preocupante para o consumidor-contribuinte-eleitor. Para os anos seguintes, a previsão foi mantida em 4% e 3,78%, para 2027 e 2028, respectivamente.

No entanto, o 'pano de fundo' que importa, no conjunto



Portal da Indústria

Enquanto a Selic avança um ponto percentual por vez, a inflação cai a 'conta gotas'

de projeções, é o fato de a atividade produtiva já estar se ressentindo (e muito) da escalada da Selic (taxa básica de juros), alçada a 14,25% ao ano na semana passada pelo Copom (Comitê de Política Monetária) e com perspectiva de novo aumento, no curtíssimo prazo.

Ninguém no mercado arrisca dizer que este será o último,

até porque persiste o 'desarranjo' fiscal interno e a incerteza externa, provocada pela guerra comercial global disparada pelo irascível presidente dos EUA. Como a expectativa da 'banca' para a Selic, ao cabo de 2025, permanece no monolítico 15% ao ano, então faltariam módicos 0,75 ponto percentual para que isso ocorra.

Coerente, ao menos, com o avanço dos juros, o mercado espera um recuo 'pífio', de 1,99% para 1,98% do PIB (Produto Interno Bruto) este ano, coincidência ou não, uma redução de 0,01 ponto percentual, ou seja, nada. Há um mês, a projeção era de 2,01%. Imexível em 1,60% ficou a expectativa para o PIB em 2026.

Aperto monetário amplia pedidos de RJ

Por Marcello Sigwalt

Enquanto o 'timing' para o início do corte da taxa básica de juros persiste sem resposta, uma coisa é certa: o 'efeito' Selic deverá elevar, em até 12%, o número de recuperações judiciais (RJ) no país, até 2027, saltando dos atuais 2.270 para 2.550.

A previsão consta de estudo desenvolvido pela consultoria especializada em reestruturação de empresas Íntegra

Associados, ao estabelecer um 'delay' de dois anos para que o aperto monetário seja refletido nos pedidos de RJ

Tomando por base a observação da evolução da Selic, combinada com o aumento de empresas que entraram com pedido de RJ, no período de 2005 a 2024, o estudo concluiu que o reflexo da carestia só é percebido no médio prazo. Partindo desse pressuposto, a alta recente da taxa básica, de

13,25% ao ano para 14,25% ao ano, deverá impactar o número de pedidos de RJ somente no início de 2027.

Listadas na B3 – Os 'estragos' produzidos pelo aperto monetário na economia já 'contaminaram' a B3 (B3Sa3), a bolsa brasileira, em que 21 das empresas listadas se encontram em processo de recuperação judicial, em negócios de todos os portes. Nessa categoria, estão companhias de grande porte,

como: Americanas (AMER3); Oi (OIBR3); Gol (GOLL4) e AgroGalaxy (AGXY3), o que reforça a tendência de alta nos pedidos de RJ.

Das 21 listadas em RJ, sete entraram nessa condição, somente no ano passado. A mais recente, em fevereiro de 2025, foi a Bombril (BOBR4).

No total, 38% das empresas listadas em bolsa entraram com pedido de RJ, no decurso de apenas um ano.

Descolado de NY, Ibovespa cai 0,77%

O Ibovespa encerrou a segunda-feira (24), em terreno negativo, tendo acumulado ganhos nas três semanas anteriores, gordura que o fez caminhar em direção contrária à dos índices de Nova York, onde o avanço ficou na faixa de 1,42% (Dow Jones) a 2,27% (Nasdaq) na sessão. Sem quebras nas semanas de março, o índice da B3 recuperou quase 10 mil pontos, de maneira que analistas consideram ser natural uma pausa para ajuste, tendo à frente uma semana de agenda forte no Brasil e no exterior, com novas leituras sobre inflação, também nos EUA, e a ata sobre juros, por aqui.

Assim, mesmo em baixa de 0,77%, aos 131.321,44 pontos no fechamento desta segunda-feira, o Ibovespa ainda acumulou o ganho de 6,94% em março – o que supera o avanço de 6,54% em agosto passado, quando renovou máxima histórica na



Vermelho.org

Bolsa está bem abaixo dos 137 mil pontos de março de 2024

casa dos 137 mil pontos.

Se mantiver o desempenho até a próxima segunda-feira, quando o mês chega ao fim, confirmará sua maior alta desde os 12,54% de novembro de 2023.

Moderado, o giro financeiro desta segunda-feira ficou

em R\$ 18,5 bilhões. Na sessão, oscilou dos 130.991,87 aos 132.424,43 pontos, saindo de abertura aos 132.343,95 pontos. Entre os grandes bancos, Bradesco sustentou alta (ON +1,23%, PN +1,04%) e, no setor metálico, Usiminas (PNA +1,38%) e as ações de Gerdau

(PN +0,58%) e Metalúrgica Gerdau (+0,95%) também foram na direção contrária das blue chips.

Vale ON cedeu 0,52% e Petrobras caiu 0,25% na ON e 0,14% na PN – ambas as empresas tendo chegado a acentuar perdas nos respectivos papéis, no meio da tarde.

Na ponta perdedora, Embraer (-4,70%), Hapvida (-4,15%) e Rumo (-3,94%). No lado oposto, Brava (+10,19%), CVC (+7,07%) e PetroReconcavo (+1,35%), além de Usiminas.

"Prevaleceu a contramão ante as bolsas de Nova York na sessão, após uma alta ter sido ensaiada no setor metálico da B3 pela manhã, devolvida à tarde. A semana traz novas informações importantes, como a ata do Copom, amanhã", diz Diego Faust, operador de renda variável da Manchester Investimentos.

Fiscal garante a terceira alta do dólar

O dólar emendou o terceiro pregão seguido de valorização nesta segunda-feira (24), e voltou a fechar acima da linha de R\$ 5,75 pela primeira vez em cerca de dez dias.

Segundo operadores, após o rali recente do real, investidores promoveram ajustes de posições e realizaram lucros no mercado doméstico, apesar do avanço de commodities e de divisas emergentes pares do real, como os pesos mexi-

cano e chileno.

Além do aumento da volatilidade em razão do vaivém das expectativas em torno do anúncio das tarifas recíprocas pela administração Donald Trump em 2 de abril, analistas afirmam que o comportamento do real reflete a volta dos ruídos políticos e fiscais internos, sobretudo após as dúvidas em torno dos números do Orçamento de 2025.

Para a economista-chefe do

OuRbank, Cristiane Quartaroli, o real sofreu nesta segunda-feira com ajustes e movimentos especulativos provocados por questões internas, como certo desconforto com declarações do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, pela manhã.

"No exterior, houve até uma melhora do apetite ao risco com a perspectiva de tarifas mais baixas. O mercado acabou recebendo mal as falas de Haddad, que na verdade

não foram ruins. Vejo o comportamento do câmbio hoje mais como algo especulativo", afirma Quartaroli.

A divisa chegou a ensaiar uma alta mais forte e registrou máxima a R\$ 5,7728 durante apresentação do ministro. Haddad disse que seria "vergonha nenhuma mudar um parâmetro ou outro do arcabouço", mas pontuou que "não mudaria", porque está convencido de que o sistema funciona.